

contra o confusionismo
pela lógica — pela organização
anarquista — falsa e perigosa ilusão¹

florentino de carvalho

sejamos consequentes

A cada passo se encontram pessoas que, seja por ignorância ou por ambição, nunca se acham satisfeitas, mudando de ideias ou de partidos como quem muda de camisa. Que esta mudança sobrevenha após aturadas e profundas meditações, tendo-se reconhecido a falsidade dessas ideias preconcebidas, bem está. Mas que, pelo sim, pelo não, abandonem-se os camaradas de luta e a propagação de um ideal para aderir a um novo partido e entregar-se a novas propagandas, é fazer obra de divisão, contribuir para enublar os espíritos e dar consequentemente uma singular ideia da própria mentalidade.

Não custa admitir, por exemplo, que socialistas sinceros abandonem o Partido Unificado, que durante a guerra, e mesmo depois, tantos e tão variados motivos de descontentamento lhes originou; compreende-se, também, que certos

Florentino de Carvalho (1883-1947), pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, foi professor nas Escolas Modernas 1 e 2, editou e escreveu em jornais anarquistas como A Plebe e Germinal!.

sindicados procurem fora da C.G.T. um terreno mais propício, mais favorável ao emprego da sua energia e atividade. Uns e outros foram ludibriados, enganados e buscaram um novo caminho, tomando novas direções, formando ou aderindo a novos partidos. Estão dentro do seu papel e continuam a obra da sua emancipação moral, que pode, que deve fatalmente conduzi-los até nós, até a Anarquia.

Mas o que não se compreende é que alguns anarquistas, ou pelo menos pretensos anarquistas, abandonem a propaganda de um ideal que ainda ontem faziam seu, e isto porque em vão procuraríamos os motivos sérios da sua nova atitude. Estes, consciente ou inconscientemente, entregam-se a um péssimo labor, e é contra o seu confucionismo, contra a perturbação que eles contribuem a perpetuar, que nós queremos rebelar-nos, denunciando-os.

em guarda!

Vai o vento de feição para o comunismo, posto em foco pela revolução russa, comunismo que cada um interpreta a seu modo, consoante às necessidades da causa. Ao passo que antes da guerra só os anarquistas se chamavam simultaneamente *comunistas*, agora, e um pouco por toda a parte, existem grupos de tendência mais ou menos comunista, soviética, III Internacional: dissidentes do Partido Socialista, sindicalistas descontentes e anarquistas (?) em cisão com a Anarquia. Publicam-se diferentes jornais e revistas, todos se apresentando como órgãos da III Internacional, grupos e jornais reclamizam-se de Mascóvia, de Lênin, de Trotsky, etc., e especulam, é preciso dizê-lo, com o prestígio da Revolução Russa, do soviétismo, do comunismo, da ditadura do proletariado.

Tudo isto causa nas ideias e nos espíritos uma deplorável confusão. Cada um procura interpretar o marxismo, o comunismo e mesmo o anarquismo de diferentes modos, procurando conciliar os inconciliáveis. Difícil tarefa...

Esta confusão, que se manifesta quase sempre por uma ação incoerente, não parece, pelo menos neste momento, opor-se ao fim almejado — a revolução. Parece mesmo decuplicar os esforços de uns e de outros. Mas que amanhã surjam os acontecimentos que todos nós esperamos, e ver-se-á então à luz radiosa do sol, mas demasiadamente tarde, os erros, as faltas e as puerilidades de uns e de outros. Daí um grave perigo, na mesma hora em que uma linha de conduta bem clara, perfeitamente determinada, deveria ser a regra de cada um.

É tempo, pois, mais do que tempo, de nos erguermos contra a confusão das ideias e dos espíritos. Confusão que será amanhã, caso não nos ponhamos em guarda, o quebracostas onde se pulverizarão todos os nossos esforços.

entendamo-nos — o que nós queremos?

Dois grandes princípios se têm achado sempre em luta no decorrer da história. Dois grandes princípios trouxeram sempre às mãos as minorias e as maiorias, os povos e os governantes. A estes dois princípios não escapam os próprios elementos revolucionários, que lhes sofrem as garras. Eles dividiram sempre os homens e hoje sabe-se que a harmonia só será possível quando tivermos decidido por um, eliminando o outro. Estes dois princípios, o princípio de autoridade e o princípio de liberdade, não podem, pois, conciliar-se, e os anarquistas, precisamente porque são

anarquistas, fizeram há muito a sua escolha, erguendo-se sempre, e violentamente o fizeram, contra os métodos e práticas autoritários. Práticas que, qualquer que seja o fim prosseguido, tiveram sempre por resultado meter à bulha, dividindo-os por consequência, um partido, um grupo ou uma casta, contra outros partidos e outros grupos, quando não contra o conjunto de toda uma população.

Foram estas práticas que, quando da nossa Grande Revolução, arremeteram os jacobinos contra o povo, permitiram a volta da reação no termidor (julho, 1794), e prepararam o regresso e depois o reinado de Napoleão. Está ali todo um capítulo de história que é preciso relembrar e que deve servir-nos de lição.

Estes dois princípios acharam-se em antagonismo desde os inícios da Internacional Operária, cimentaram funda dissidência entre Marx e Bakunin, e nós sabemos por quais meios pouco honestos o primeiro eliminou o segundo. É preciso decididamente fazer uma escolha, e com todo o conhecimento de causa optar pelo socialismo autoritário, o marxismo, que nos conduzirá fatalmente à ditadura, à constituição de um novo Estado, e, quer o queiram, quer não, à reação — que a essência do Estado é conservar e quebrar as iniciativas e as energias — ou, então, optar pelo socialismo antiautoritário, libertário, pela Anarquia, que se oporá a toda a ditadura, a toda a organização centralizada, burocratizada, e nos conduzirá ao federalismo, à organização comunista.

a força da anarquia

Para demonstrar a potência do nosso ideal não remontaremos a Sócrates, nem mesmo a Rebelais, por

mais bem inspirados que tivessem sido. Limitar-nos-emos, modestamente, a constatar a sua influência nos acontecimentos atuais.

Não se pode negar, com efeito, que na Rússia, no próprio seio da III Internacional, entre os bolchevistas — estes marxistas! —, as ideias anarquistas tenham de algum modo pesado sobre as diretrizes, orientando as decisões. As moções contra a defesa nacional, contra o parlamentarismo, e outras mais, ainda que não fossem de natureza essencialmente libertária, estão, não obstante, fortemente impregnadas da ideia. As inovações — os comitês de operários, o sistema soviético, que alguns (certamente nascidos ontem para as questões sociais...) acham tão engenhosos, são em suma senão a organização de baixo para cima, a descentralização preconizada sempre pelos federalistas, pelos anarquistas?

Mas ali os princípios ainda se encontram viciados, falseados nas suas bases, se dermos crédito a Kropotkin, pois que só os bolchevistas têm voz no capítulo. Estes fatos revelam-nos, apesar de tudo, que para fazer a revolução os bolchevistas tiveram de decalcar o marxismo, e, à medida que se consolidam e se tornam um governo forte, apressam-se a demolir o que tinham construído e o que poderia incomodar a sua política.

As resoluções do último Congresso de Moscóvia dão-nos disso uma excelente prova: fez-se antiparlamentarismo até o dia em que houve a certeza de boas eleições, etc., etc... E, como todo o governo que se respeita, o bolchevismo pratica o oportunismo.

Não é propícia a hora para o abandono dos nossos ideais, sobretudo neste momento em que eles afirmam

a superioridade da sua lógica e a eficácia da sua ação. Quando tal político, que ontem ainda solicitava os sufrágios da multidão, demonstra-nos hoje as nocividades do parlamento; quando fulano de tal, que colaborou durante cinco anos na defesa da pátria, a vem enxovalhar no último instante; quando um dado jornal, que se encarniçava na apologia de certos renegados, os passa a atacar inopinadamente, assiste-nos o direito de encolher os ombros e de dizer que há muito que os anarquistas tomaram posições não esperando pelas ordens de Lênin para agir neste ou naquele sentido.

* * *

A Revolução é coisa demasiadamente grande para que pensemos que um punhado de homens ou um partido qualquer possa realizá-la com êxito. É preciso, para que triunfe, a colaboração de todos os elementos que tiverem concorrido para a precipitar. E, sobretudo, será preciso ter em conta as iniciativas populares, colaborações, sociedades, obras de todas as espécies, das quais muitas existem já fora da gerência do Estado. Todas estas atividades se revelarão em maior grau logo que o Estado deixe de lhes por entraves. Só então nós poderemos julgar os resultados das inumeráveis associações que se criarem, tendo como elemento coordenador a Federação e como base a Comuna: o Atelier, o agrupamento intercorporativo, a Assembleia toda poderosa dos indivíduos componentes destes sistemas de organização, e que se chamará Soviete ou qualquer outro nome à escolha do freguês. Mas não confundir com a organização soviética

Contra o confucionismo...

russa que não é presentemente mais do que o reflexo do partido comunista e não do conjunto da população.

o perigo... o remédio

Se, numa revolução, as ideias, as iniciativas de cada um se discutem, se confrontam, nós podemos esperar estar seguros do sucesso. Mas se essas ideias se opõem violentamente pelo fato de que um partido, tendo conquistado o poder, tenta esmagar tudo o que não seja dimanado de si próprio, então haverá tudo a temer do novo governo e o êxito da Revolução restará problemático.

“O grande perigo que poderia aniquilar todos os benefícios da Revolução e fazer recuar a humanidade reside no fato dos violentos conseguirem utilizar a força do maior número, a força social, para sua única vantagem, como instrumento da sua própria vontade — isto é, constituir um governo, organizar o Estado.

Os anarquistas, que lutam hoje para destruir todos os órgãos da violência, terão por missão, amanhã, impedir que renasçam esses órgãos por obra ou por conta dos antigos ou dos novos dominadores”. (Errico Malatesta)

* * *

Eis aí a série de raciocínios que oferecemos à meditação dos nossos camaradas dos diferentes agrupamentos revolucionários, soviéticos, comunistas ou outros.

Eles creem ter achado o seu caminho, e enganam-se redondamente! Estão em plena Torre de Babel...

Nós pedimos-lhes desde já um pouco de lógica e de coerência. Não abusem da palavra comunismo, antes de saber e fazer saber o que entendem ao certo por este termo. É preciso escolher entre o comunismo de Estado e o comunismo-anarquista. A não ser que se pretenda ficar no equívoco, em que tanto se comprazem certos *camaradas*, é mister decidirem-se pela ditadura ou pela Anarquia. Pois pode bem suceder que amanhã seja muito tarde, e que bom número dos que julgaram andar bem enfraquecendo o anarquismo — ou não ousando, ou não pensando dever ir até ele —, tenham de roer as unhas, único desforço dos parvos, apercebendo-se que contribuíram pela sua atitude equívoca de hoje a entronizar uma nova categoria de governantes e de políticos.

A vós, camaradas socialistas, sindicalistas, soviéticos, comunistas, todos os que quereis sinceramente trabalhar por uma revolução profunda, a vós cabe decidir da vossa orientação e da vossa ação, cabendo-vos também meditar esta eloquente frase de Kropotkin: “Dois partidos somente estão em face um do outro, o partido da coerção e o partido da liberdade: os anarquistas, e, contra eles, todos os outros partidos, qualquer que seja o rótulo”.

É concludente: ou com os autoritários ou com os libertários. Conosco ou contra nós. Mas, por piedade!, dai-nos a conhecer o vosso pensamento para que se saiba com quem estais!...

Evitemos a confusão que já se prolonga demasiadamente.

Contra o confucionismo...

E nós convidamos os grupos e os indivíduos que estão conosco a aderir sem demora à Federação Anarquista, a única organização capaz de realizar a tarefa e a propaganda acima indicadas.

* * *

maus princípios

Na sua maior parte, quando discutimos o estado revolucionário dos nossos adversários, a sua ditadura, e lhes opomos à nossa concepção do comunismo libertário; quando os levamos à situação irreduzível de escolherem entre a autoridade e a liberdade, notando o perigo que constituem, no fim de contas, para a *Revolução Social*; os métodos, as instituições estatais, eles nos respondem que o comunismo autoritário será apenas uma forma de organização transitória, uma plataforma, estabelecida até ao dia em que, pela educação, o comunismo libertário, a organização federalista, comunista, a *anarquia* sejam possíveis.

Declaram que, para educar as massas, para as fazer optar pela nova organização social, uma ditadura e um Estado forte são necessários. Isto é, entendem que devem impor-se como novos senhores e, como tais, admitirem uma só verdade — a sua — e impedirem a livre crítica, a livre discussão: todas as sugestões, enfim, que não saiam da sua própria direção. Dão prova, desta maneira, de uma falta de confiança, quase absoluta, nas massas que imaginam “salvar” de uma desconfiança certa e não dissimulada nos

outros revolucionários, que não são da sua escola, e querem, por tais razões, impor-se como diretores de consciência.

Estranha concepção que pretende, no fim de contas, impor um novo dogma, e que só admite a salvação pela submissão e pela repressão, deixando apenas à escolha a abdicação ou a rebelião.

Eis uma sobrevivência do “direito do mais forte” que se manifesta de tão bela maneira nas nossas sociedades capitalistas, e que, desde os mais remotos tempos, sempre fez curvar sob o seu jugo, dolorosamente, a Humanidade.

Contudo, é a esse extremo que nos conduz a concepção marxista, bolchevista, da *Revolução*.

Ora, não é assim que nós, anarquistas, compreendemos a luta pela conquista da *Liberdade*, pelo estabelecimento de uma nova ordem de coisas, e entendemos que não devemos prestar-nos a uma tal maneira de conceber a *Revolução Social*...

condições necessárias...

A *Revolução Social* só pode ser possível por um movimento da massa, por um levantamento geral, visto que já se vai o tempo dos golpes de mão, das revoltas de uma minoria. E os bolchevistas nunca teriam conquistado o poder se a revolta do povo russo, farto de guerra, não tivesse derrubado anteriormente a autocracia czarista.

As revoltas localizadas, os movimentos corporativos, as *greves*, não são mais do que os indícios certos de um estado de espírito revolucionário, que tende a manifestar-se cada vez mais.

Contra o confucionismo...

Mas só dão resultado, só levam à derrocada do edifício social, quando o conjunto dos trabalhadores e dos revolucionários de todo um país se solidariza em um movimento geral, de protesto e de revolta.

É a concepção clássica, por assim dizer, da *Revolução*, pela greve geral expropriadora. Assim, se somos forçados a contar com um movimento geral, é porque, já sob a pressão das necessidades, uma nova mentalidade terá surgido no seio do povo.

Além disso, se a *Revolução* pode ser determinada, em uma larga medida, pelos acontecimentos, pode o ser, e certamente o é, noutro sentido: pela propaganda constante, diária, das minorias revolucionárias.

Nesse caso, por que é, que, desde já, em vez de habituar os indivíduos à ideia da necessidade de uma ditadura, de um governo revolucionário, não se lhes dão indicações precisas a fim de os tornar capazes de se guiarem e organizarem sem senhores?

o que deve ser o comunismo

O *comunismo*, sendo um método de organização, produção, divisão, consumo, não pode conseqüentemente ser a ideia diretriz das massas em revolta.

E quem diz organização diz, por isso mesmo, que deve ser largamente feito apelo à iniciativa de todos, e não apenas ao valor de alguns homens, por mais competentes e melhor intencionados que sejam.

Quem diz produção pretende referir-se aos interessados, aos produtores e aos técnicos.

Quem diz divisão pressupõe a ideia de que os trabalhadores da alimentação terão a seu cargo o mecanismo de importantes serviços de distribuição.

Quem diz consumo compreende que não se pode medir a parte que toca a cada um e que não se deve perder de vista, logicamente, a garantia da satisfação normal das necessidades gerais.

Para isso, a sociedade de amanhã, apesar de todas as dificuldades que podem surgir, e para resolver justamente todas as dificuldades que não hão de deixar de surgir, não terá de recorrer aos bons ofícios de ditadores, de ministérios, de burocratas, de Estado revolucionário, que nunca podem ter todas as aptidões desejadas, supondo mesmo que sejam íntegros, sinceros; a sociedade de amanhã, dizíamos, deverá, ao contrário, apelar para o espírito de decisão, de iniciativa, de solidariedade, de auxílio mútuo, de que poderão dar seguras garantias os trabalhadores que, tendo feito a *Revolução*, serão qualificados para a tarefa da reconstrução.

E é na fileira, entre a massa, que os revolucionários sinceros devem aspirar a lutar, para apresentarem as suas críticas, sugestões, indicações, e não à testa de organismos antiquados, corruptores e opressores, como são os ministérios do Estado, incluindo os do Estado bolchevista.

um pouco de filosofia e de... psicologia

Duas grandes necessidades que se podem chamar leis fisiológicas, aproximaram sempre os homens e aconselharam-lhes a união para um menor esforço e um maior benefício.

Contra o confucionismo...

Estas leis impelem e impelirão cada vez mais para a *Associação*, para o *Comunismo*, porque encerram em si os princípios de auxílio *mútuo* e de *Sociabilidade* sem os quais toda a existência seria impossível, pois que eles implicam a conservação e a existência da espécie.

Estas leis que constituem a função do homem são: a necessidade de se sustentar — é preciso comer para viver —, e a necessidade de trabalhar — produção de tudo o que é necessário à sua subsistência.

Não há precisão de forçar a demonstração da necessidade de nos curvamos em face das *leis naturais*... Portanto, para estabelecer o *Comunismo*, não são necessárias a autoridade ou a ditadura, visto que o nosso objetivo não é mudar de governantes, nem de política, mas sim viver sem senhores e fora de toda a política.

Se uma ou mais ideias e filosofias têm a intervir na *Revolução*, devem fazê-lo apenas para aconselhar, esclarecer as consciências e provar a sua força, o seu valor pela demonstração, pacificamente.

Que necessidade temos de repetir que não se impõe nem se destrói uma ideia pela força?

Concede-se ao raciocínio, aos acontecimentos, o poder de demonstrar aos homens o valor ou a mediocridade dos seus princípios...

contra o estado “comunista”

A concepção de um Estado revolucionário é, pois, falsa e das mais perigosas. Não venham mais dizer-nos que a conquista e o exercício do poder podem auxiliar

a transformação social. Desde há muito que ouvimos essa cantilena, entoada de outras maneiras, é certo, mas partindo sempre do mesmo princípio:

“A ignorância, a inconsciência das massas, torna necessária a direção dos negócios públicos por parte de mandatários, deputados, funcionários, competências, etc. (?)”. Eis o ponto melindroso da questão e que demonstra que grande número de vedetas revolucionárias se preocupam mais com o seu interesse particular do que com o interesse geral.

E se combatemos sempre a ilusão da “conquista dos poderes públicos”, se combatemos sempre o funcionalismo sindicalista, não o fizemos para sermos hoje os aliados do bolchevismo, nem da ditadura do proletariado.

O governo “Comunista”, baseando-se nos mesmos princípios dos outros governos, não reconhecendo outra autoridade, outra verdade que não sejam as suas, erigindo em sistema a violência para com aqueles que não os adoram, proclamando, *sobretudo*, a preponderância do Estado e qualificando como delito ou crime todo o ato tendente ao não reconhecimento ou à destruição dessa preponderância (que dizeis vós, bolchevistas da prisão atual, se presos fordes, presos por motivo de complô contra a “segurança do Estado”), não se mostra, conseqüentemente, em princípio, nem melhor, nem pior do que os outros governos.

Assim, ardentes partidários da *Revolução Social*, principais e desinteressados defensores da *Revolução Russa*, adversários declarados de toda a intervenção contra a *Rússia revolucionária*, ficai sabendo que não renegamos nada da obra revolucionária do povo russo, mas como inimigos declarados de todos os métodos autoritários,

Contra o confucionismo...

recusamo-nos à *Revolução* com o bolchevismo, que dela é apenas uma simples expressão...

últimas provas e conclusões

Para justificar a nossa oposição, temos provas em abundância não só nos feitos e gestos dos marxistas russos, mas até outras de significativo valor de demonstração. O próprio Bertrand Russel, professor na Universidade de Cambridge (Inglaterra), num estudo publicado em *The lebrator*, revista comunista americana, intitulado “Democracia e Revolução”, que lemos traduzido no *Phare*, outra revista comunista suíça, declara que, se os bolchevistas “pudessem governar a Europa durante uma geração, a oposição no fim desse espaço de tempo não viria das forças moribundas do passado, mas sim de algum novo movimento que possa manifestar-se para realizar os ideais socialistas que os bolchevistas poderiam ter esquecido nesse intervalo...”.

Não é sugestivo?

Mas, contrariamente ao que parece crer Bertrand Russel, a oposição não esperará uma geração para se manifestar, porque se manifesta por toda a parte e são os anarquistas que hoje, como ontem, proclamam com toda a sua integridade os *princípios de Liberdade*, que guiam a *Humanidade* para a perfeição, para a beleza...

Que nos entendam bem e não interpretem falsamente as nossas palavras.

Não negamos a coragem, a firmeza, a convicção, a sinceridade dos bolchevistas da Rússia e de outros países.

Erguemo-nos contra a concepção da reorganização social dos marxistas, como infinitamente perigosa para

uma *Revolução* que desejamos profunda, radical, ao que diz respeito, sobretudo, à supressão do Estado.

Apelamos para todos os revolucionários sinceros, socialistas, sindicalistas, comunistas, pedindo-lhes que nos leiam e que pesem seriamente os nossos argumentos. É impossível que depois de refletir e discutir não sintam, como nós, o perigo que a todos ameaça, se deixarmos os políticos apoderarem-se do movimento revolucionário que pode surgir e guiá-lo para fins políticos, atuais...

Apelamos para os nossos camaradas libertários, anarquistas, para que se organizem seriamente, a fim de difundirem as nossas doutrinas antiautoritárias, e evitem que a sociedade de amanhã, baseada no comunismo libertário, tenha de sofrer os horrores de uma organização política, seja ela qual for!

Apelamos, finalmente, para todas as boas vontades, para todos aqueles que nos compreendem, organizações ou camaradas isolados, pedindo-lhes que venham engrossar as fileiras da *Federação Anarquista*, único agrupamento que não concede benefícios, lucros ou honrarias pessoais na *Revolução*, e que procura com desinteresse realizar a obra de renovação: luta contra a sociedade capitalista e lançamento de alicerces para a gloriosa tarefa da reconstituição social...

Notas

¹ Texto publicado originalmente pela Biblioteca A nova aurora em Porto, Portugal, 1920.

Resumo

O texto é uma alerta contra a confusão entre comunismo libertário e comunismo de Estado ou marxista. No furor da bem-sucedida Revolução Russa, muitos anarquistas declararam simpatia ao Estado soviético. O texto lembra que este se baseia no princípio de autoridade, enquanto o anarquismo no princípio de liberdade. Por este motivo são inconciliáveis. Contra o confucionismo é preciso retomar as diferenças entre marxismo e anarquismo e seus efeitos diversos em uma revolução social.

Palavras-chave: Revolução Russa, comunismo libertário, comunismo autoritário, revolução social.

Abstract

The article is a wake-up call to the differences between libertarian communism and marxist communism. In the ecstasy of the successful Russian Revolution, many anarchists have declared sympathy for the Soviet state. The article reminds us that the Soviet state is based on the principle of authority while anarchism is based on the principle of freedom, and are therefore, irreconcilable. The differences between marxism and anarchism must be addressed to fight against confucianism.

Keywords: Russian Revolution, libertarian communism, authoritarian communism, social revolution.

Against confucianism. Logically - through the anarchist organization - false and dangerous illusion, Florentino de Carvalho.

Recebido em 15 de setembro de 2017. Confirmado para publicação em 27 de outubro de 2017.